

Novas escrituras e mediações
em saúde

Uma outra globalização

Resenha sobre o documentário “Encontro com Milton Santos ou o mundo global visto do lado de cá”

DOI:10.3395/reciis.v4i4.418pt

Christovam Barcellos

Laboratório de Informações em Saúde, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde–Fiocruz, Rio de Janeiro, Brasil.
xris@icict.fiocruz.br

Maurício Monken

Vice Diretor de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV)/Fiocruz.
mmonken@fiocruz.br



Sinopse

O filme trata do processo de globalização com base no pensamento do geógrafo Milton Santos, que, por suas ideias e práticas, inspira o debate sobre a sociedade brasileira e a construção de um novo mundo.

Ficha Técnica

Direção: Silvio Tendler

Duração: 89 minutos

Ano de Produção: 2006

Distribuição: Caliban Produções - Tel.: (21) 2508-6871

Houve um tempo, não muito distante, em que se acreditou que a história havia parado, que o ciclo das grandes transformações econômicas e sociais tinha se esgotado e, portanto, haveria dali em diante o aperfeiçoamento de um modelo que se supunha permanente. Da mesma maneira, acreditou-se que esse modelo iria se espalhar sem restrições a todas as partes da Terra, eliminando barreiras e reproduzindo um modo de vida que se supunha universal.

No início da década de 1990, Milton Santos e outros intelectuais se opuseram corajosamente a esse vaticínio. O espaço geográfico é sim universal e as redes técnicas permitem, cada vez mais, a difusão de ideias, pessoas e mercadorias, como processos simultâneos e abrangentes. A circulação de informação via internet e do capital financeiro no mundo são exemplos dessa nova dinâmica mundial. Mas essas mesmas redes são extremamente seletivas. São

ancoradas nas sedes de grandes corporações e conectam certos mercados produtores e consumidores com grande eficiência e velocidade, deixando à margem aqueles com menor poder de compra. Por essa mesma razão, ao contrário de dissolver territórios, as redes constituem e legitimam novos territórios. São criados nesse processo, os lugares de inclusão e de exclusão, de concentração de renda e tecnologia, do consumo básico e do consumo caro e sofisticado. Os novos territórios são resultados desse espalhamento incompleto, ou da globalização excludente.

Para Milton Santos, o lugar é o palco da resistência contra a globalização. Mas essa resistência não tem um caráter ideológico, pelo menos explícito. Um morador de favela, um índio, ou um pequeno agricultor resiste aos preceitos da globalização porque tende a perder com ela suas garantias de satisfação de condições mínimas de sobrevivência, não porque se oponha ao seu conteúdo simbólico de dominação. Antes de tudo, existe uma luta contra a monetarização da vida cotidiana dos mais pobres e, sua consequência, a intensificação das relações de dependência. Isso explica a luta, mostrada no filme, dos moradores de Cochabamba contra a privatização do sistema de abastecimento de água da cidade e o aumento das tarifas cobradas por este serviço. Esta resistência aparece também nas dificuldades de se implantar e manter as políticas econômico-financeiras preconizadas pelo “Consenso de Washington” em países como Equador e Argentina. Os muros, que eram utilizados para conter exércitos inimigos, agora separam populações que têm facilidades de acesso a emprego e serviços daquelas excluídas dos mesmos serviços. O mundo está longe de ser uniforme e sem barreiras. O mundo global traz consigo imperfeições e contradições que são expostas habilmente no filme de Silvio Tendler.

No filme, Milton Santos ressalta as três faces da globalização: A primeira seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como **fábula**; a segunda seria o mundo tal como ele é: a globalização como **perversidade**; e a terceira, o mundo tal como ele pode ser: **uma outra globalização**.

A globalização tem um caráter de fábula porque é propagandeada como um processo inexorável, que leva à rendição de todos a um único modo de vida, compatível com esse novo mundo. A mídia tem um importante papel na disseminação dessa nova cultura. As mensagens midiáticas, emitidas por um mercado de poucas e oligopolizadas agências de notícias se esforça em difundir a ideia de que a globalização é inevitável e que, para se adentrar nesse novo mundo, é preciso aceitar a crise como inevitável e o

desemprego e a pobreza como efeitos colaterais necessários.

A globalização também se revela como perversidade porque traz consequências econômicas perversas para os mais pobres, principalmente nos países subdesenvolvidos. O processo, que teria um caráter uniformizante, na realidade, produz mais excluídos e uma acentuada concentração de renda.

Mas a globalização pode ter outro destino. Nas últimas décadas, o mundo vem aperfeiçoando meios de disseminação de informação que têm servido ao debate sobre a economia na escala planetária. Mas Milton Santos provoca, afirmando que o que não se discute é a Civilização. A globalização pode se tornar um processo humano, desvinculado da sua base financeira. Nesse sentido, Milton Santos mostra uma convicção quase mística de que o mundo pode e vai ser melhor, com maior inclusão, distribuição de recursos e participação. O filme mostra alguns exemplos de apropriação de técnicas modernas de filmagem, de trocas de mensagens e redes de colaboração entre os excluídos, da produção e disseminação de informações, imagens e textos que permitem conexões com parceiros muitas vezes localizados a muitos quilômetros de distância.

Essa convicção é manifestada logo no início do filme, quando ele afirma que a clarividência é construída pela junção entre estudo e intuição. Essa clarividência permitiria ver o futuro pensando no presente. Milton Santos era um clarividente. Uma pessoa com enorme capacidade de perceber os principais movimentos que aconteciam ao seu redor, separando-os dos eventos menores, que muitas vezes nublam a visão dos pesquisadores. Por isso, situava-se nas universidades, que seriam locais vocacionados para a reflexão sobre o mundo, mas tinha problemas no convívio com seus pares na academia, infelizmente dominada por uma visão departamental e monotemática do mundo. Tinha um enorme espírito crítico, por isso produzia adversários dentro e fora das universidades. Sofreu perseguições durante a ditadura militar, mas também depois do seu término. Quase sempre reagia a esses ataques com um inexplicável bom humor. Suas aulas e palestras eram sempre surpreendentes e cheias de ensinamentos.

O filme se baseia em depoimentos de Milton Santos e outros intelectuais e ativistas como Carlos Pronzato, Ailton Krenak, Adetokunbo Borishade, Eduardo Galeano, Aline Sasahara, José Saramago e Joseph Stiglitz. A entrevista com Milton Santos foi gravada quatro meses antes de sua morte, já debilitado mas mantendo seu incrível espírito guerreiro. O filme, por isso, foca a produção mais recente do geógrafo, mas

deixa de lado algumas das suas ideias que influenciaram as ciências sociais no Brasil e no mundo, como a teoria dos dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos, do espaço geográfico como conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações; dos sistemas técnicos como mediadores das relações entre sociedade e natureza. Seriam necessários vários documentários para divulgar as ideias de Milton Santos sobre as relações entre homem e o mundo. Para aqueles que quiserem saber mais sobre suas teorias, recomendamos suas reflexões sobre a globalização (SANTOS, 2000), mas também livros anteriores e de grande importância

sobre a natureza do espaço geográfico (SANTOS , 1996) e sobre o futuro da geografia como disciplina (SANTOS , 1978).

Referências

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.